



PERALTA E A ESTRADA  
SEM FIM

Peralta é um jumento sertanejo; cria da última leva de filhotes, não conhecera os pais e consequentemente, não ouvira, ainda infante o relinchar paterno sobre os montes.

Os irmãos de Peralta viviam ocupados; logo cedo, antes dos primeiros raios de sol, foram encarregados de conduzir até o ponto de venda central, cargas com frutas e legumes

Ele amava os irmãos; que não eram de muito relinchos. Aprendeu de seu próprio coração a discernir os sons, o sobrevoar das garças, o escorregar dos lagartos e o vento sobre a vegetação.

O jumentinho não fazia ideia do que era orquestra; e nem associava o som da vitrola da casa grande com a sinfonia natural do cotidiano que ouvia.

- ô cria de águia; acorda, já é meio dia e seu feixe de lenha continua no mesmo canto.

De sobressalto olhou para o seu locutor e constatou que o serviço estava para ser concluído.

Todos os dias, seu ofício principal era abastecer com pequeno feixes de lenha os fogões de barros que as pretas, profissionais do encanto culinário, utilizavam para cozinhar os alimentos,

No caminho; quando o sol ainda não se porra a pino;  
por alguns instantes repousou com seu fardo e  
percebeu que uma ave avermelhada caira sobre a  
folhagem das arvores.

Pensou rápido no que falar para atrair a atenção daquele encanto esvoaçante; buscou na memória todos os diálogos com outros animais e não lembrou, mas, prosseguiu e disse: "ufht..."

- Desça dessa árvore agora!

A pequena árvore não o fitou e falou novamente:



A ave pousava e repousava de galho em galho.

Quando a tristeza começou a invadir seu peito e a carga começou a pesar mais do que o normal e por instantes desejou, nem que fosse por um breve segundo ouvir a voz de seus pais.

Quando a tristeza começou a invadir seu peito e a carga começou a pesar mais do que o normal e por instantes desejou, nem que fosse por um breve segundo ouvir a voz de seus pais.

As senhoras da cozinha perceberam os pedaços de madeira e agradaram o burrego com jerimum; ainda trazia na mente o sobrevoar do pássaro.

De retorno quando passou no caminho, reviu a árvore e cabisbaixo, restando diante dos seus olhos somente a sombra do vegetal; vivida e profundamente escura no chão.

Peralta ia e voltava e nessa andança percebeu que o único movimento era a sombra viva que o "quase meio-dia" ali causava. Viu as árvores e suas sombras sobre o chão. O encontro com a passagem do tempo.

Quando a sombra do vegetal se posicionava na frente das árvores, o peso da carga diminuía na ânsia de poder ouvir a voz paterna e materna.

E até o que os homens chamam de poesia não conseguir explicar o que aconteceu com Peralta; a sombra da árvore recuará e tal milagre será acompanhado por seus olhos e por horas seu peito será invadido pela canção que somente os jumentos podem ouvir.

E meio sem querer entendeu que a voz feia de seus pais nunca será ouvida novamente; mas mesmo sem ouvi-la é essa voz que o leva a suportar a carga, por mais ínfima que seja.

Os pássaros voltaram e ele descansou feliz sobre um chão empoeirado e descansou, se entregou ao repouso e ali, inerte, se maravilhou com as folhinhas que "cantacaminhadanças" no terreiro, de terra, talvez, a voz de seus pais em outros mundo não seja tão bonita assim, no entanto são fagulhas de calor que desce pelos galhos das arvores!